

Entrevista Ogun Jobi

Ogun Jobi: Meu Trabalho é na cidade, já que meu santo disse que um dia eu mudaria, eu tentei mudar algumas vezes não consegui. Então quando se fala em tombar eu penso que eu farei isso lá. Não sei quanto tempo eu vou levar pra sair daqui, eu ainda não tive de todos os santos, eu acho que eles estão em reunião (rs). Porque esse axé que eu tenho muito que agradecer por que foi uma casa que eu cheguei aqui era dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Uma casa muito simples, que enchia quando chovia e a água acima do joelho. Eu lembro que a gamela de Xangô boiava igual um barquinho, eu lembro que tinha uma criança que dizia assim “ô tio, tio tem um monte de barquinho ali na água”, eram as gamelas de Xangô. Então eu vi que no meu apartamento eu tinha uma ligação emocional muito grande e aqui muito mais! Por que aqui eu tenho uma coisa que eu agradeço a Deus, eu não lembro das coisas ruins. Eu tive um período de muita doença, eu fiz quimioterapia e disseram que eu fiquei numa casa de saúde em Laranjeiras que eu não lembro de jeito maneira, eu não lembro. Eu não consigo conviver, até por que eu faço terapia com as pessoas né. Eu não jogo búzios pra adivinhar futuro, o futuro é imprevisível, eu acho que existe uma série de más informações em relação ao Orixá, em relação ao jogo de búzios, em relação ao pai-de-santo. Pai de santo, mãe de santo é força de expressão nós somos zeladores, a gente não tem poder nenhum! A gente passa a ter poder, que todo poder que as pessoas “ah eu vou te queimar, vou fazer isso”, na realidade isso é muito sugestivo, o pai de santo ele é o padre, ele é o orientador espiritual. O pai de santo tem como função ensinar a fé, ensinar como cuidar dos Orixás, quem são os orixás, a maneira de trata-los.

O que aconteceu com o Candomblé? O Candomblé não ficou para as pessoas como o padre. Quando você entra na igreja, você vai na Igreja de Santo Antônio o referencial é Santo Antônio, o padre que estiver rezando a missa ali, não é que seja diferente a fé que tem aquele padre, você tem até um elo de amizade, a família, aquele padre que vai na casa das pessoas, mas ele não tem o papel que o pai de santo tem. O pai de santo passou a ser a figura principal e não o Orixá, entendeu? E na realidade não é isso. Por que você imagina se eu pudesse fazer um trabalho de amarração pra conquistar uma pessoa, eu não teria quem eu quisesse? Eu to sozinho(rs), no momento ninguém tá me querendo, entendeu? Eu acredito assim: Oxum é a dona do amor, o Orixá ele é uma química, ele é uma força. Eu lembro por ser leonino, por ser temperamental, o leonino é um signo horroroso por que nós somos prepotentes, nós somos mandões. Eu sou leonino filho de Ogun com Iansã, já não boa coisa né. Então eu lembro que eu sofrendo muito por amor eu peguei o Otá de Oxum e botei no meu coração e disse a ela assim “ ah minha mãe tome conta do meu coração por que eu não gosto de gostar”, por que o meu gostar era muito obsessivo. A partir daí eu consegui o benefício de ter esse equilíbrio. Então cada Orixá no Candomblé, ele toma conta de uma parte física sua, por que o Orixá ele tem o emocional, ele é um referencial emocional, um referencial humano e um arquétipo. Ele veste as pessoas, entendeu? Você tem que ter essas três visões. Se as lendas que contam dos orixás são verdades ou não eu não sei, mas o que é verdade é essa coisa concreta do arquétipo, do sentimento, da incorporação, dos manifestos. Aqui dentro dessa casa eu to muito ligado espiritualmente, emocionalmente e eu não sei como eu quero, hoje que eu estou as vésperas de ter um espaço, que a casa de Santa Tereza é um espaço muito lindo, uma casa muito bonita, uma luta... uma luta como foi tudo na minha vida né. E em alguns momentos eu digo, eu vou sair daqui vocês não vão me ver mais, aquela coisa de pai de santo né, das dificuldades de

relação, de se manter uma casa de santo. Por que casas tradicionais como a minha e muitas outras precisava ter um outdoor, Petrobrás ou qualquer coisa, para patrocinar essas casas. Sabe porque? Pela sua impotência! Eu vou completar esse ano trinta anos de casa aberta, trinta anos de águas de Oxalá, de Olubajé, de festa das Iabás. De Ipeté de Oxum, de festa de Xangô. Essas festas é um grande teatro que está sendo revivido do início do mundo! Por que Candomblé é de antes de Cristo. O negro tem a sua versão quanto a criação do mundo. Então esses escravos que chegaram nos navios trouxeram essa história e essa história ela é vivida nos principais terreiros, por isso que o trabalho de vocês é importante.

Na Bahia tem uma coisa muito boa, existe um poder, uma federação que ela tem poder legítimo de inibir, tem pessoas que se dizem filhas de Jobi que eu nunca vi na vida! Então na minha idade de santo eu só abri um terreiro, eu só tenho uma filial.

[...] Eu acho que fazer ano de santo não te outorga o direito de ser pai de santo. Eu sou filho de Santo de um homem que lê fez duzentos e trinta Yâô e só fez cinco pai de santo, os que vingaram foram só eu e uma irmã de santo minha que veio a falecer esse ano, que deu continuidade ao nome dele. Axé Opó Afonjá_é tradição! Aqui elas tudo tem mais de dez. quinze, vinte anos de santo, entendeu? Mas ninguém é mãe de santo.

[...] Porque? Ah eu vou fazer minha obrigação de sete anos e eu posso ser pai de santo, Mentira! Você tem que ser indicado, apontado. Nem que você queira. É por isso que existem essas barbaridades que a gente vê pó aí. Pessoas loucas, muita gente deixou o Candomblé pra ir para a Igreja Evangélica. Por que o Candomblé não se organizou. O homem teve um papel muito ruim no Candomblé. Por que o Candomblé no início ele era uma posição mais matriarcal do que patriarcal. E o que acontece, hoje você ainda vê, pra mim a referência de mãe de santo minha mãe Menininha do Gantois, as velhas de santo, minha mãe de santo que morreu com cento e quatro anos! Passou a vida dela inteira vestida de baiana servindo a Xangô, morreu virgem, não tinha homem. Não tinha mulher não tinha nada. O negócio dela era servir Orixá. Ela dizia que ela era casada com Xangô. Então isso pra mim é um presente, que a minha cabeça, meu santo foi lavado por esta mulher. Ela me raspou junto com meu pai de santo.

E: Qual o nome dela?

Ogun Jobi: Cantolina Pacheco._

[...] Por que na época que eu fiz santo a gente não sabia que ia ser pai de santo, nós sabíamos muito mal o nosso santo, a qualidade do santo, algumas coisas a gente não sabia e isso é muito bonito! Eu acho que a literatura, que os pesquisadores Pierre Verget, Rogê Bastide , essa gente toda foi muito importante por que trouxeram o Candomblé pra sociedade. Mas é a faca de dois gumes, em compensação as coisas ficaram muito expostas. Era preciso, eu não digo que não deveria ter acontecido, mas existem explicações, o Candomblé é estigmatizado. Tem casas de Candomblé que se você não for de Candomblé você chegar numa casa dessas você vai dizer: isso é religião? Não é religião. Tem coisas absurdas que nós que somos os mais antigos do Rio e Janeiro, a gente fica bestificado por que eles estão banalizando, prejudicando a religião, alimentando o estigma que já não é bom, entendeu? Fazendo com que as pessoas tenham mais medo. Essa coisa do poder proliferado.

E: Esse é o grande perigo, essa coisa do ego, do poder, da vaidade.

Ogun Jobi: Por que como o Candomblé é uma religião ele não se opõe a sua escolha sexual, o que na realidade confunde muito é segundo Pierre Verget , explica isso muito bem, ter um santo ou não é inerente a sua própria vontade ou sua condição social. Por que você é o arquétipo daquele santo. O que são as religiões? As religiões elas fizeram uma função importantíssima pra humanidade, por que religião é sinônimo de cerimônia, cerimônia é sinônimo de educação. Quem educou o mundo foram as religiões. Hitler se tornou um homem muito mal, era um homem muito mal por que ele não tinha fé. Ele era o Deus, ele queria ser o dono do mundo, entendeu? Então o que acontece? O papel das religiões, o Candomblé ele é, eu sou neto de mãe de santo, nasci dentro de uma casa de santo, então é uma coisa que já está no sangue. Meu neto já é iniciado, está com cinco anos de idade tem quatro anos de santo, minha sobrinha ela é a primeira filha da casa está com trinta anos de santo, foi a primeira que foi raspada aqui que foi na inauguração da casa.

Agora o Candomblé como qualquer religião ele é uma escolha, você deve escolher. Você vai escolher uma religião que seja compatível a você, ao teu sentimento. Olha você tem fazer santo senão você vai morrer, você tem que fazer santo senão seu marido vai embora. Isso são mentiras! Na realidade a maldade do negro, as mentiras, elas foram até necessárias que foi uma maneira de defesa do negro impor um certo medo aos senhores feudais. O santo fica escondido dentro do quarto do santo e coberto por causa da repressão, mas acabou. Pode expor. Você chega na igreja aquela imagem do santo que estiver lá, né. Quando eu entro na igreja de Santa Bárbara eu me emociono, a igreja de Santo Antônio eu me emociono, entendeu? Por que é um referencial, o Candomblé precisa abrir mais as portas. Os candomblés antigos, da Bahia, tinham o governador, os senadores, deputados... Por que o Candomblé tem várias entradas, você pode ser filho da casa, amigo da casa, simpatizante. Por que não é religião só. Você não pode comparar Candomblé a religião nenhuma. Candomblé é religião, cultura e sociedade. Na realidade ele é a forma, é o perfil do negro primitivo que convivia na sua aldeia adorando um Orixá, entendeu? É por isso que se explica as obrigações do Candomblé demorarem tanto tempo, por que era uma forma de vida, ele vivia para o Orixá. O Candomblé no Brasil ele foi adaptado, o Candomblé do novo mundo onde a gente teve que separar, por que o negro primitivo não havia uma condição social e religiosa. Era isso: Cultura, religião e sociedade. As pessoas onirê adoravam a Ogum e bebiam para o Ogum, e era assim. Foi preciso que nós adaptássemos à vida social da vida religiosa. Ótimo, maravilhoso! Eu acho que a gente nos dias de hoje criou um Candomblé muito mais adaptado, muito mais sensível, muito mais compreensivo.

Por que se conta na história das Primeiras mães de santo, a minha avó por exemplo era mãe de santo mas ela não raspou santo por que naquela época o período de reclusão era de três meses no mínimo. Meu avô era português e disse que não ia ficar três meses sem mulher, quando ela voltasse pra casa ela não teria marido, e muito dessas coisas aconteceram.

E: até hoje ainda acontece a separação de casal por causa da convivência dentro da casa de santo.

Ogun Jobi: Mas porque? Por que não consegue se quebrar esse estigma. Enquanto nós, da tradição do Candomblé, nós lutamos por um resgate, por um bom senso, por uma forma coerente de se adorar o Orixá, sabe sem ter medo e infelizmente ainda existe muitas casas de Candomblé que são mantidas, sem citar nome de nenhuma por que não me cabe isso

eticamente né, mas tem casas que são mantidas por conta de marginais, de pessoas poderosas, casas de santo que tem uso de drogas, um monte de coisas.

Eu estava te falando do perfil do arquétipo, então o mendigo, a prostituta, o homossexual, seja lá o que for, entendeu? Ele tem naturalmente um Orixá, não querendo dizer com isso que o Candomblé não tenha seu caráter, a sua forma respeitosa, o sentimento familiar de dignidade. Ele tem sua dignidade sim. Você vai ser prostituta, você vai ser o que quiser dali pra fora. Mas isso foi uma coisa que, não pode haver essa discriminação, mas aquela imagem do Chico Anízio aquele programa “Painho”, aquilo ali é uma realidade, eu tinha um programa na televisão que tinha como preocupação tirar essa imagem dessa estética do pai de santo que existe, eu posso dizer até pra você que eu sinto que as mulheres elas tem uma postura mais maternal, mais digna. Eu sou homem e eu acho que o Candomblé se perdeu muito na mão do homem, o homem é mais competitivo, o homem é mais fraco. Você vê, eu gosto muito e eu lembro de minha mãe menininha, minha mãe de santo, as outras: A bença minha mãe! “Ô meu filho que Deus lhe abençoi, que Deus lhe dê juízo. Como vai? Como vai sua família? Vá com Deus meu filho”. A doçura né, o próprio sentimento, e minha mãe de santo era assim, entendeu? Eça gostava muito de mim e eu gostava muito dela. Infelizmente o homem ele auto afirma os seus direitos, ele é mais competitivo.

E: Você está me respondendo uma questão muito antiga: Porque essa competição sempre gera em torno de pai de santo?

Ogun Jobi: De pai de santo né? Olha essa casa com todo o tempo de existência, em trinta anos de existência eu nunca quis ter Yaô [sic] eu não tenho filhos de santo de outros locais. Eu tive pra não dizer, eu tive exceções a regra. Em trinta anos eu só fiz quatro, cinco filhos que não eram meus. Três dessas pessoas os pais de santo faleceram e as outras duas os pais de santo acabaram com a casa de santo. Tenho um relacionamento com as pessoas de Candomblé maravilhoso. Venho de uma família, eu sou neto de italianos, portugueses imigrantes, trabalhadores pobre. Se eu tive alguma nobreza no passado eu não conheço. A minha vida eu trabalho desde oito anos de idade, meu pai era sapateiro e meu avô. E nós como o imigrante, ele veio pra trabalhar, né? Ele veio lutar por um objetivo pra se fazer crescer aqui. Na história existem poucos imigrantes ricos né. Houve muito mais pessoas pra vir trabalhar. Então o meu avô como português, que era o marido da que era mãe de santo, nós tínhamos quatro horas de trabalho e nós achávamos um absurdo as crianças tudo na rua brincando e agente passando cola, cortando. Mas isso foi importantíssimo pra nossa formação. Eu com oito anos já ia pra cozinha. Fiz santo com doze anos de idade, entrei no axé na casa de santo com doze anos saí com treze, cumpri seis meses de reclusão dentro de uma casa de santo. E o que acontece? Minha avó era mãe de santo, eu tinha que ter feito santo antes dos sete anos como foi minha sobrinha, minha prima e meu neto. Mas meu pai, a influência da minha avó era tão grande em cima de mim que nós morávamos todos na comunidade do terreiro, então meu pai e minha mãe resolveram se mudar por que a vovó fazia tudo que eu queria, entendeu? [...] Então eu fui afastado, quando foi com doze anos ela me pegou e disse assim: “olha eu não vou perder meu neto não, estou levando ele pra fazer santo”. Como meu pai e minha mãe, ela era matriarca, ela que mandava; “ele não pode completar quatorze anos sem fazer santo”. Até os meus sete anos eu tive uma infância bem normal, dos sete anos em diante por uma questão com Exu que queria tomar conta de mim, da minha cabeça, do meu caminho, dos sete aos doze anos quando eu fiz santo

apagou-se muita coisa da minha cabeça eu não me lembro. [...] E a influência da minha avó era tão grande que, a minha avó ela recebia guias de umbanda, então ela fazia tudo que eu queria. Eu tinha um banquinho, tinha um cachimbinho e tinha uma saia de cetim, por que como eu via a minha avó de saia eu queria a saia de qualquer maneira. E aí o pai e a mãe dizia “olha ela vai estragar o menino”. E aí eu fingia que recebia santo, aquela coisa de criança de imitar, até que um dia realmente eu caí, e meu avô pegou a saia e rasgou, eu venho de famílias machistas, conservadores, meu avô burguês, e rasgaram a minha saia, quando a minha avó pegou em mim eu estava muito pálido, roxeando os lábios, ela incorporou uma criança. Criança essa que veio a incorporar depois dos meus sete anos que foi a fase mais difícil de relacionamento com os pais, pra estudar, eu me tornei uma criança assim muito indomável. Aí meus pais acabaram se conformando em eu fazer santo por conta disso.

Então o que acontece? Eu venho dessa origem, dessa maneira de ver Orixá. Eu acho que qualquer pai de santo tem suas crises existenciais. A solidão é uma coisa, por que todo mundo quer viver as suas vidas e nós temos que viver o Orixá vinte e quatro horas por dia, diretamente e indiretamente. Eu gosto do meu trabalho eu gosto de viajar, minha irmã mora em Búzios, tem sítio lá em Búzios. É pouco tempo pra eu viajar. segunda-feira eu tenho que estar aqui pra poder louvar Omolu por que meu pai de santo era de Omolu, minha mãe carnal era de Omolu, eu herdei estes dois Omolu e tenho que cuidar deles as segundas-feiras. Mas como eu sou sozinho aqui não existe uma solidão depressiva, primeiro que eu não sou depressivo, eu sinto a presença. É como se eu tivesse uma grande família e eu faço assim; eu tenho que todo dia fazer um ritual de cumprimentar os santos, mas tem dias que eu não estou predisposto e eu respeito isso e eu acho que eles vão me entender. Mas na realidade toda atitude desse planejamento de vocês, o que eu espero é que uma casa de santo seja vista com a importância que ela tem. Olha o tamanho do espaço que eu tenho! Ali é o centro cultural, lá é o salão. Aqui eu já tive aulas de capoeira, de maculelê, de boas maneiras.

E: Isso é interessante por que a gente está trabalhando com essa função social. Provar que as casas de santo tem função social.

Ogun Jobi: Tem. Mas eu vou te falar de uma outra função importantíssima; o Candomblé por ser uma religião, por ser mais que uma religião é uma seita, uma religião que ela desenvolve um deus próprio. Você chega você é filha de Oxum, quando isso é dito pra você, ou de Iemanjá, ou de Iansã, ou de Ogum seja lá o que for, diz a você que você tem um deus dentro de você. Está em você! Isso te enaltece, te ajuda na auto-estima. O Candomblé trabalha com dois lados sociais. Independente de ter aulas né, por que eu tenho o CNPJ daqui, eu quero que ali tenha aula de culinária, aula de dança, de ballet clássico. Eu estou com um grupo em Santa Tereza que a gente quer fazer peças infantil por que as crianças daqui não sabem o que é teatro, e a arte, como qualquer arte, é a maior fonte de polimento, é tudo, desenvolver o intelecto, na criação, na formação do adolescente e da criança. Agora independente disso você vê senhoras, minha mãe com cento e quatro anos né, tinha as baianas dos dias de Candomblé de renda de bico de não sei o que lá pra cada evento. “olha esse pano da costa, veio da África, vou fazer a unhas”. Faz as unhas, faz os cabelos e se você parar pra pensar os Candomblés estão nas periferias nas comunidades mais carentes. Essas pessoas não tem acesso. Outro dia eu levei meu neto ao cinema, a pipoca doze reais, no Norte Shopping, a entrada do cinema eu e ele pagamos quatorze reais,

o parque de diversões aqui uns minutinhos é dois reais, [...] Então o Candomblé ele por ter esse momento social, faz com que a mulher que é da casa diga “ah pai quando você passar num lugar e ver um tecido bem bonito compra pra mim que eu quero estar bonita” Passa creme, faz o cabelo, faz trancinha, faz isso, faz aquilo [...] Isso está dando a essas pessoas atividades social. As igrejas; igreja católica, igreja evangélica, todas elas tem uma função social maravilhosa, por que em qualquer comunidade tem igreja. E o candomblé, sem que eu esteja dizendo que seja a melhor religião, ainda tem este adendo de trabalhar com a vaidade, com a auto estima. Ah muita vaidade, muito luxo no candomblé! Importantíssimo isso minha filha, importantíssimo você querer estar bonita. Eu sou artista plástico e faço exposições e eu tenho um trabalho pra ser mostrado que é a quantidade de bordados e de formas de roupas que vieram da África e que juntou a coisa do indígena com o europeu, por que as anáguas é influência européia. Tudo isso fez o candomblé do Brasil, entendeu? Então a mesma coisa; a importância das escolas de samba pras baianas, agora que as escolas de samba dizem que elas tem que fazer ginástica, antes tem que fazer aquecimento. Que coisa maravilhosa! Olha que papel importante tem as escolas de samba.[...]

Fala do sistema político.

Sou filho de Ogun com Iansã. A palavra Ogun, dependendo como é inserida na frase, quer dizer luta, guerra, batalha. Ogun é representado por inúmeras ferramentas. Ogun odiava o ladrão. Essa coisa de que todo marginal é de Ogun, todo marginal adora São Jorge por que São Jorge é Ogun, eu sou contra isso. Por que eu acho que uma entidade não vai ser a favor de quem mata de quem rouba. Entendeu? Então o orixá ele é digno, até por que ele viveu como nós vivemos. Teve erros e acertos. Sabe-se da história de Ogum, ele é um Ifá, ele é um Elegun. Ele foi um homem comum.

E: Nunca dizem dessa forma!

Ogun Jobi: Mas minha filha se foi um orixá que ele a sua parte indomável, ele foi castigado por Oxalá. Oxalá jogou ele dentro das águas, transformou ele num peixe. Então Orixá divindade é um orixá moral um orixá digno, é um orixá bonito que passou pelas suas provas. Fez coisas certas e coisas erradas. Nanã abandonou Omolu na beira do mar por que ele era muito doente, era muito feio. Iemanjá então foi quem criou Omolu. Então o orixá também teve a sua atitude que deixou a desejar. Por que se ela tivesse nascido uma divindade ela não teria feito isso, entendeu? Então eu não sou professor de candomblé, não sou uma pessoa formada, não fiz curso universitário. O que eu posso falar de candomblé é da minha experiência, da minha vivência. Essas casa aqui, por que o milagre é um direito adquirido do ser humano, o milagre está em todas as religiões. Por que as religiões são o espelho do espírito. É pra você reforçar, você encontrar a sua fonte inspiradora que faz você se curar de um câncer como eu me curei, entendeu? Omolu apareceu aqui pra mim nesse pátio, eu estava sentado numa cadeirinha dessas, era de manhã muito cedo eu estava fazendo a quimioterapia e eu achei que eu estava inventando. Falei pra minha filha assim: Ah minha filha eu acho que eu tô vendo coisas ou estou inventando, eu não sabia onde era a porta onde era a parede, então ter alucinações era normal. Ela virou pra mim e disse assim “meu pai o senhor gosta tanto de Omolu, Omolu gosta tanto do senhor pelo sim pelo não por que que o senhor não faz o que ele tá mandando”. Você acha minha filha? ”Acho”. Peguei ela e o motorista e mandei em Pavuna pra comprar umas coisas, fiz o que Omolu mandou. Quando as coisas estavam prontas faltava quinze para o meio-dia. Eu sou vou tomar esse

remédio quando der meio-dia, por que tem um Omolu que fala meio-dia. Omolu é um orixá do sol, quando deu meio-dia eu bebi e fiz o que tinha que fazer. Cinco horas da tarde eu comecei a melhorar. Mas também já estive num leito de um hospital entraram um grupo de homens evangélicos pediram pra mim orar. Perfeitamente. Minha mãe de um lado, minha irmã do outro, eu estava com quarenta e quatro quilos, e o homens entraram com roupas clara, eles cheiravam a sabonete Phebo pelo que eu lembro os quatro eram feios, bem feios mas muito limpinhos. Quando eles começaram a orar a voz parecia a do Cid Moreira, eu fechei os olhos me emocionei e comecei a chorar. Eles saíram e não me deram uma filipeta da igreja deles, não perguntaram minha religião, não tentaram me converter a nada. Naquele dia eu não tomei calmante para dormir que eu tinha que tomar, eu dormi de oito da noite acho que até as nove da manhã. Quando eu acordei o céu estava muito azul, com nuvens brancas parecendo anjinhos, sabe aquelas nuvens que você começa a ver carneirinho? E ali eu disse assim: Eu vou ficar bom. A força, ela precisa que você tenha uma religião pra ela chegar até você. Agora não pode ter um padre louco, um pai de santo aviado botando as mãos nas cadeiras xingando as pessoas, denegrindo a nossa imagem. Eu sou homossexual, entendeu? [...] Eu me respeito, eu me gosto. Eu como sacerdote eu não frequento nenhum lugar estereotipado, lugares para isso. Eu tenho um convívio social. Eu vou a lugares normais, eu vou a boite normal, vou a restaurante normal. Não gosto da coisa exposta. Por eu ser uma pessoa da mídia e também por ser muito conhecido então eu não posso me expor. [...] **fala da vida pessoal amorosa e da questão do homossexualismo dentro do candomblé.**

A minha casa já teve cento e seis agregados e isso não é bom. Essa agregação ela não é boa para a casa. Essa minha filha mora em São Paulo ela vem esporadicamente, então as vezes eu me sento “gente vocês tem que vir mais” agora mesmo: “Que dia que você vai vir pra ajudar a limpar?” Que eu como um pai de santo não sou um militar. Eu acho uma pessoa muito fina, muito educada, muito boa. Mas tá bom, todo mundo tem direito e avesso! Eu não tenho poderes mágicos mas eu sou uma autoridade e faço valer a minha autoridade.[...] Falta muito ainda no candomblé. Por exemplo, na igreja católica você tem o catecismo e eu estou tentando fazer o de catecismo. Lá na minha loja eu faço reuniões as sete e meia toda terça-feira. E essas reuniões tem como objetivo; Para novos iniciados, pretensos iniciados, dar uma explicação do que é o candomblé. o que é fazer santo? Porque que faz santo? Como se faz essas escolha?

E: É o senhor mesmo que dá a palestra?

Ogun Jobi: Eu que dou a palestra. É um grupo de estudo na praça Tiradentes nº 70. Saiu até uma matéria aqui que é da minha loja. Este espaço cultural tem como objetivo trazer pra sociedade um pouco da cultura e do candomblé sem estigmas. Mensan Orum em homenagem a Iansã. Tá vendo isso foi uma matéria que eu ganhei na revista de domingo no Jornal do Brasil. Eu tenho uma outra matéria na vogue que esta lá na loja. Eu estou lá no espaço Cultural José Bonifácio, lá tem uma exposição que está a espada da minha iniciação, minha fotografia e a bandeira do meu axé, por que eu sou o primeiro candomblé do Rio de Janeiro e tenho um brasão, tenho um símbolo com significado. Eu tenho um hino. Por que o hino e a bandeira dignifica qualquer entidade, é uma referência. [...] eu não consegui todas as coisas que eu queria. Mas essa casa foi responsável por reeducar, desculpa se eu parecer pretensioso né, mas quando eu abri casa de santo foi o primeiro candomblé a servir um café

da manhã. Por que era muito engraçado que antigamente não tinha freezer e as casas de santo eram muito pobres e a geladeira era aquela que não gelava direito por que era doada de alguém. Tudo era doação e se dava tudo que não se queria dentro de casa. [...] vai começar dez horas! Começava meia-noite, uma da manhã e até duas da manhã. Aí você passava a noite inteira acordado no final tinha arroz, feijão, maionese azeda. [...] e galinha frita. Era o trivial da casa de candomblé. Quando eu abri casa eu disse primeiro eu vou servir o jantar, até hoje é assim, aí as pessoas diziam “se você servir o jantar primeiro vai todo mundo embora” aí eu dizia que pelo menos eu ia saber quem ficou por causa do orixá. E de manhã cedo eu gosto de servir um café-da-manhã. Então como eu não tenho aquela postura que minha avó tinha, eu sou de santos muito novos então eu tenho muito de criança, eu brinco na banheira, na piscina, eu rolo no chão. Eu dava aula de boas maneiras para as crianças aqui aí eu ensinava a entrar no restaurante, no elevador. [...] **fala das histórias que contava para as crianças.**

Ogun Jobi: É que a minha primeira viagem eu fiz Rio-Nova Yorque. No meu primeiro jantar eu sentei ao lado da princesa da Rússia e fiquei numa casa que foi a casa do Marlon Brando, de uma família muito rica, e eu me sai muito bem! Por que desde que eu abri casa de santo eu atendi pessoas muito importantes, da sociedade. Pessoas muito conhecidas e muito ricas. Mas na realidade a minha educação de base foi a que valeu. [...] **continua falando das histórias para crianças, fazendo um paralelo com a sua própria vida. Segue falando das viagens ao longo de 15 anos e do contato com pessoas muito ricas e da importância das amizades que construiu.**

Ogun Jobi: Resumindo tudo, você está conhecendo uma pessoa muito feliz dentro do Candomblé. O Candomblé é a minha vida, é a minha realização. Eu vejo amigos meus e amigas que não tem religião, são católicas entre aspas, ou outras religiões. Aí a gente passa. Eu trouxe duas amigas pra festa de Iansã que foi em dezembro né. Elas trabalharam sábado e domingo e eu falei: Essas mulheres não vão agüentar! Sábado o dia inteiro, sábado a noite inteira e domingo o dia inteiro. E elas estavam mortas! Aí depois eu disse assim: O que você achou? “Jobi eu estou morta de cansada mas foi muito bom” Então como isso preenche a nossa vida, você faz ginástica pra ficar com o corpo mais bonito. E você precisa dessa ginástica espiritual.[...] nas minhas dificuldades eu tinha um prazo pra conseguir minha casa em santa Tereza, aí eu juntei amigos meus, duas pessoas de santo e alguns amigos. E a filha do dono da casa não deixou a gente entrar e eu falei assim pra ele: “Ah, eu estou com dificuldade de vender meu apartamento”. Por que hoje você vende um imóvel muito fácil abaixo do preço, e eu não podia vender abaixo do preço por que ainda precisava complementar para comprar a casa e aí ia ficar muito distante da realidade. Aí eu fui pra lá com esses amigos e não deixaram a gente entrar, por que eu fui sincero, eu digo, não tinha nada, não fui lá levar nada. Eu fui lá mesmo pra pedir. Aí éramos umas doze ou treze pessoas, não me lembro, lembro das mãos assim e ali eu “gente vamos pensar, vamos mentalizar”. Por que eu perdi três prazos; três meses, seis meses, nove meses sem conseguir vender meu apartamento. Conseguia assim menos cinquenta mil reais. Aí fizemos essa oração, meu prazo venceu no dia trinta de novembro, acabou o prazo. No dia dois eu vendi o apartamento, e eu vendi o apartamento pra uma mulher que o filho dela foi atrás de um apartamento. Ela morava na Oswaldo Cruz e ele queria morar perto dela e o meu apartamento era na Praia do Flamengo e quinto prédio antes da Oswaldo Cruz. Tinha que ser perto da mãe, viu o eu apartamento e adorou. Quando ela entrou ela disse assim: meu

Deus esse apartamento é do Jobi! E eu burocraticamente sou muito desorganizado, os papéis ainda estava no nome da incorporadora. Enfim, o maior caos. O corretor disse assim “o senhor vai ter uma surpresa, ele escolheu o apartamento e a pessoa que vai comprar o apartamento é uma pessoa que gosta muito do senhor!” Aí marcamos lá na Só Imóveis, [...] E foi isso! Tudo na minha vida foi muito inusitado. Tenho um lado muito lúdico muito legal. Eu não tenho tempo pra escrever, não uma auto biografia, por que eu acho a minha vida comum. Mas o que eu presenciei, as pessoas que eu conheci. Eu digo assim, é mais importante o que eu vi acontecer aqui dentro, as pessoas que eu conheci e ter a minha própria vida. Eu sou um homem comum de hábitos comuns, sou simples. Vivo de uma maneira muito simples, entendeu? Mas o que eu presenciei de todas as coisas; por que é preciso que alguém fale dos nossos milagres. Está aí a igreja nos banindo, fazendo de tudo pra nos desmoralizar. Então o trabalho de vocês é importantíssimo. Sabe vocês vão captar, vocês vão se deparar com Paes e mães de santo maravilhosos mas que não tem força na sociedade pela falta do intelecto, de uma grandeza espiritual muito grande. Aconteceu um fato aqui, que me ligaram que eu ia receber uma homenagem. Ah muito obrigado, dependendo da data eu vou por que eu tenho a agenda muito lotada de trabalho, mas se for possível eu vou. E a pessoa falou, falou vai ter a mídia, vai ter isso, vai ter aquilo. Vai ter um jantar e no final do telefonema ela disse assim: O senhor tem direito a uma mesa com quatro pessoas, a mesa com direito a tudo é cento e cinquenta reais. Eu virei pra ela e disse assim: Olha em primeiro lugar eu não lhe pedi troféu nenhum, eu sou um nome dentro do Rio de Janeiro, eu não estou pedindo a ninguém que reconheça isso. Se a senhora quer me reconhecer a senhora vai me convidar, me perguntar com quantas pessoas eu irei e eu tenho que ter a dignidade de ir com o menor número de pessoas possível pra não lhe onerar mais, se possível mandar me buscar. Aí quando ela viu que não estava lidando com um bobo, por que o que eu já recebi de diplomas, de troféus de pessoas importantes, eu tenho moção do Senador Nelson Carneiro, de Antônio Pitanga, Jurema Batista, um monte de gente. Aí depois ela disse assim pra mim: O senhor pode ir nessas condições. Eu disse: Não também não vou por que a senhora está colocando meu nome na lista, meu nome e de algumas pessoas, pra enaltecer o seu evento. Eu só vou se ninguém pagar! É muito comum vocês fazerem essas festas esses troféus e chamarem, por que nós estamos dentro do Candomblé lutando pelo resgate e reconhecimento, e reconhecimento é isso aí que a mídia, a sociedade está reconhecendo a importância do meu trabalho. Eu estou levando a parte cultural do Candomblé pra praça Tiradentes no centro do Rio de Janeiro. Nós somos maioria negros, se fala muito pouco sobre o negro. O negro tem uma história e uma beleza plástica, uma musicalidade que ainda não foi mostrada por que a dimensão é muito maior. [...]

Eu tenho inclusive o primeiro convite da casa datado de 17/12/77 da inauguração. [...] continua falando de valores de vida, da luta pela própria sobrevivência.

[...]

Nos dias de Candomblé eu sempre tenho alguma exposição, alguma coisa. E eu faço uma coisa, eu dou palestra no intervalo para as pessoas entenderem por exemplo; vem as águas de Oxalá. Você precisa saber que o que está acontecendo é uma encenação religiosa. A umbanda por exemplo toca pros santos virem sem um proposta, não estou recriminando, o Candomblé é diferente cada festa está retratando uma história. As águas de Oxalá fala de quando Oxalá foi preso por engano, fala do perdão de Xangô. Xangô traz Oxalá do calabouço e coroa ele e pede perdão a ele pelo equívoco. Oxalá ia passando Exu sujou Oxalá de dendê, de cinza e de sal e avisou a Xangô que uma pessoa criminosa estaria

chegando. Xangô vai e prende Oxalá, e Oxalá preso se limita a sua resignação esperando que alguém intercedesse por ele, o próprio Deus. Ele fica preso sete anos. Aí o reino dele cai em miséria, ele vai consultar Ifá, que diz a ela que estaria preso por engano Oxalá. Ele para se retratar manda banhar Oxalá, lhe veste de roupas, lhe traz um andor e coroa ele, e aí Oxoguiam descobre que Oxalá está no reino de Xangô, e aí Oxalá doa o filho Oxoguiam pra Xangô. E Xangô por sua vez, doa Airá pra Oxalá. Eles trocam os filhos. Isso é revivido anos, anos, anos em todas as casas tradicionais. Isso pode ficar sem explicação?